

CORDEL, ENQUANTO GÊNERO DO DISCURSO ¹

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva ²

RESUMO

O presente ensaio visa trazer algumas reflexões acerca da literatura de cordel, a partir do pensamento de Bakhtin e O Círculo, entendendo um folheto como um enunciado concreto que está histórico e ideologicamente situado, o qual, enquanto instrumento da língua, interage dialógica e organicamente com a vida. Os apontamentos aqui em tela foram endossados a partir de sua obra, a qual contempla essas a categorias, *Estética da criação verbal* (2011). Observa-se ainda que o cordel é um dispositivo enunciativo potente nas aulas de língua portuguesa: a partir do momento que o trabalho com esse gênero exceda vieses pedagogizantes da ação pedagógica, sendo capaz de contribuir para a formação de sujeitos de discurso.

Palavras-chave: Cordel, Gênero do Discurso, Enunciado Concreto, Dialogismo.

De acordo com Marcia Abreu (1999), o cordel brasileiro tem como precursor Leandro Gomes de Barros e, em nosso país, foi o responsável por uma produção sistemática de folhetos e, ainda segundo a autora, o folheto mais antigo de Barros publicado tem data de 1889. Ressaltamos, que o cordel brasileiro é “primo” do cordel lusitano, este que a partir do século XVII era comercializado, em Portugal, em diferentes espaços. Embora haja o “parentesco”, no Brasil, as pesquisas mostram que o cordel chegou no período por colonizatórios portugueses e espanhóis primeiramente em Salvador e depois sendo difundido, oralmente, pelas outras regiões nordestinas (SILVA, 2021). Segundo Abreu (1999), o nosso cordel brasileiro não tem semelhanças com o cordel luso, lá abarcando diversos tipos de enunciados (MARINHO;

¹ Ensaio acadêmico apresentado como trabalho final da disciplina de Produção Textual, ofertada pelo professor Uíni Ferreira Barros, na Especialização em Língua e Lato Sensu em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Africana da Universidade Rural do Cariri (Urca).

² Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Mestre em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e professor de Língua Portuguesa na educação básica (PMVV-ES e Sedu/ES).

PINHEIRO, 2012), inclusive em prosa, enquanto nosso cordel trata de poesia e, justamente, por essa gama de textos que eram contemplados, o cordel lusitano parecia mais uma proposta de empreendimento editorial que gênero do discurso literário.

Este ensaio tem como objetivo discutir acerca das produções de cordel, enquanto gênero do discurso, categoria bakhtiniana a qual aqui estará colocada em tela. Conforme Bakhtin (2011), “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo (da atividade humana) de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados...” (2011, p.262), esses enunciados, para Bakhtin e O Círculo³ são chamados de gêneros do discurso (ou gêneros discursivos). Bakhtin reconhece a heterogeneidade de gêneros discursivos, e diz que esses podem se dar tanto na oralidade, quanto na escrita. Tratando-se do cordel, temos um gênero escrito e do discurso literário que traz uma certa estabilidade ao que se diz respeito a sua estrutura, todavia, apesar de seu formato típico, a base bakhtiniana de língua (linguagem) o coloca em uma ideia de enunciado concreto e dialógico oriundo dos movimentos cotidianos.

Ao contrário de uma base estruturalista de estudo e análise da língua, um texto, diante desse viés de gênero discursivo, jamais estará concluído, porque este é tido como um enunciado vivo, o qual é histórico e ideologicamente situado – excedendo as suas formas típicas perpassando por uma relação dialógica entre um “Eu”, um “Outro” e o mundo. Na perspectiva bakhtiniana, o cordel pode ser concebido como um enunciado concreto: o qual é produzido por escrituras⁴ oriundas de um cotidiano, trazendo as marcas axiológicas de um determinado contexto, marcas essas que subsidiam significados através da leitura de um determinado sujeito leitor, inclusive essas significações podem ser alteradas todas as vezes que esse sujeito retoma esse enunciado.

³ Essa expressão perdura no tempo e é oriunda do contexto da episteme soviética, entre as décadas de 20 e 30 do século XX. O grupo consistiu em um conjunto de intelectuais de diversas áreas de conhecimento que se encontravam regularmente, entre 1919 e 1929, em São Petersburgo, e visava uma reflexão filosófica e contribuir para a produção de uma teoria de criação ideológica. O termo “Círculo” veio ser utilizado por estudiosos do conjunto dessas perspectivas, sendo Bakhtin aquele que mais produziu princípios em torno da obra do Círculo.

⁴ Termo criado por Conceição Evaristo (1996), em sua dissertação de mestrado, que consiste na escrita a partir das experiências que o autor obtém ao longo de sua vida.

Ainda, a partir da proposta bakhtiniana de gênero discursivo, entendemos também que o cordel se dá em sua concreticidade, pois “[...] interage organicamente entre a língua e a vida – isto é, estabelecemos a literatura de cordel como um enunciado vivo, oriundo de uma realidade social em sua consumação nesse segmento artístico de cunho popular” (SILVA, 2021, p. 30) e o cordel possui uma natureza dialógica, haja vista que é um enunciado não emprenhado apenas pelo contexto do cordelista, ele traz o estilo de seu produtor e reflete a individualidade desse falante que escreve (BAKHTIN, 2011), mas entra em diálogo com o meio o qual estão situados seus apreciadores; assim, o cordel também se concretiza pelo conteúdo presente no folheto. O movimento dialógico acontece nos gêneros discursivos, pois esses se estabelecem enquanto enunciados concretos em um cruzamento enunciativo, ou seja, a hibridez de um gênero se fundamenta a partir de um coral de vozes sociais que o compõem.

O cordel, a partir das elucidações de Bakhtin e seu Círculo, é uma réplica do diálogo cotidiano, ou seja, um gênero secundário do discurso, oriundo de condições culturais, complexas e organizadas (BAKHTIN, 2011) – um enunciado vivo em diálogo com os movimentos do dia a dia, trazendo marcas composicionais quase que estáveis: métrica, léxico, jogo rítmico e de palavras, musicalidade, figuras de estilo. O cordel, enquanto enunciado concreto, integra a vida e mesmo trazendo diferentes aspectos da personalidade individual do cordelista, é um enunciado que se relaciona às diferentes transposições da língua. Em suma, Bakhtin nos mostra que os gêneros discursivos são produções textuais, orais ou escritas, as quais encontramos em nossa vida cotidiana e que apresentam padrões sociocomunicativos típicos, estabilizados; definidos por composições funcionais que se excedem em objetivos enunciativos em diálogo com os movimentos históricos, ideológicos, sociais e axiológicos. Portanto, o gênero discursivo cordel desliza em estilo, formas, comunicabilidade, conteúdo temático e nas aspirações do cotidiano.

E os gêneros do discurso acompanham as mudanças ocorridas no mundo, seja na forma em que o léxico é posto, ou o suporte em que está o enunciado. Sobre o gênero aqui de nosso recorte, sabemos de seu advento no período de

colonização de nosso país e seu estabelecimento, enquanto o gênero (forma e conteúdo temático), se estabeleceu, a partir das arguições de Abreu (1999), no século XIX e vem acompanhando às mudanças de nossa língua portuguesa (do Brasil) desde sua chegada em nossa nação e, na contemporaneidade, o cordel passou a ocupar mais um espaço de elaboração e propagação (BRANDÃO, 2021), pode ser encontrado, para além dos folhetos, em diversos suportes: sites, blogs, redes sociais, canais do YouTube, aplicativos de celular, digitalizados em *Portable Document Format* (PDF). E para além disso, em diálogo com diversas temáticas atuais: é só darmos ‘um Google’ que encontramos cordéis sobre coronavírus, sobre o caos político em que estamos vivendo no país, sobre a dependência dos sujeitos com as redes sociais... Bakhtin (2011) pontua que “[...] as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissolúvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso” (2011, p. 267).

O cordel, enquanto mais um gênero do discurso da escrita, desenvolve, dentre outras potencialidades, as condições sociocomunicativas. Tratando do cordel no cotidiano escolar, também assumimos, a postura enunciativa que Bakhtin e O círculo têm diante dos gêneros do discurso, os quais, na escola, devem ser embasados em práticas dialógicas de leitura (de folhetos) e escrita (SILVA, 2021), haja vista que essa literatura que ainda é tida como inferior e “[...] os livros didáticos, insatisfatoriamente, em termos quantitativos, pouco inserem esses textos, em suas bibliografias, consubstanciando, assim a ideia de tratar-se de singularidade do povo nordestino” (BRANDÃO, 2021, p. 91), quando o cordel é reconhecido pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional, IPHAN, como patrimônio cultural do povo brasileiro. Logo, um procedimento teórico-metodológico que envolve o cordel nas aulas de língua portuguesa precisa favorecer o diálogo com a cultura popular emanada no folheto, penetrando nas questões sociais colocadas em tela nesse objeto (MARINHO; PINHEIRO, 2012), excedendo o caráter pedagogizante, a fim de favorecer ao estudante o cruzamento cultural e enunciativo nos espaços formais de educação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. **Estética da criação verbal**. Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRANDÃO, Maria Aparecida Ventura. O sentido híbrido do cordel e sua inserção na era digital. *In*: ARAÚJO, Peterson Martins Alves; BRANDÃO, Maria Aparecida Ventura; SANTOS, Simão Pedro dos.; SILVA, Josivaldo Custódio da Silva (Org.). **Tessituras do cordel brasileiro**: Múltiplos olhares. João Pessoa: Ideia, 2021. p. 87-102.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós- graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, R.S.D. **O cordel capixaba no ensino fundamental II**: práticas dialógicas de leitura e escrita nas aulas de língua portuguesa. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Mestrado Profissional em Letras - Profletras, Vitória, 2021